



PROJETO
LAB

SECRETARIA DE CULTURA E ESPORTE
SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA
MINISTÉRIO DO
TURISMO

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL



extremo | SUL

andré bueno



extremo | SUL

grajaú - ilha do bororé - parelheiros - barragem - marsilac

andré bueno

andré bueno

extremo | SUL



*Para os meus pais, Abílio Alves Pereira (in memoriam) e Tereza Bueno
Aos meus amores Elisângela e Raul*

extremo | SUL

andré bueno

Nasci em Santo Amaro e morei a minha vida inteira no Extremo Sul da cidade de São Paulo, sendo a maior parte do tempo no distrito do Grajaú, um pouco da minha primeira infância no Jd. Eldorado e um curto período com a minha avó na Zona Rural de Parelheiros no bairro Barragem.

Meu pai foi um migrante nordestino que veio para São Paulo na década de 1940, fugindo da seca e da pobreza no sertão cearense. Minha mãe nasceu no Extremo Sul de São Paulo em Parelheiros, próximo a aldeia Krukutu e é neta de migrante alemã. Minha avó vive até hoje no bairro do Colônia, uma comunidade de descendentes de alemães do Extremo Sul. A maioria dos meus familiares cresceram nessa Zona Rural da cidade, sendo que uma parte deles são pescadores artesanais e trabalham nos braços da Represa Billings que fazem divisa entre os municípios de São Bernardo do Campo e São Paulo. Logo, percorro e vivencio os territórios do Grajaú, da Ilha do Bororé e de Parelheiros desde a minha infância até os dias de hoje.

A Represa Billings, um dos mais importantes e maiores reservatórios de água da Região Metropolitana de São Paulo, assim como a Mata Atlântica existente no Extremo Sul, estão presentes em minha memória desde a infância e fortaleceram meus laços afetivos e de identidade com a região, com as comunidades e com

suas culturas rurais e urbanas, se é que assim posso chamá-las.

Brincar com meus primos e primas na vila dos pescadores e vê-los exercendo um dos ofícios mais antigos do mundo, a pesca artesanal, profissão preservada em minha família por quatro gerações, certamente despertou meu olhar pelas culturas ligadas à água e a terra. Meus familiares são meus guias pelas margens da represa, inspiração para percorrer e descobrir caminhos e paisagens naturais no extremo em meio a uma selva urbana vista por poucos.

Minha vida na Rua 8 (local onde morei de 1988 até 2013) em um bairro próximo a estação Grajaú - distrito vizinho ao de Parelheiros - se deu em uma paisagem distinta da citada anteriormente uma vez que, ao atravessar as balsas entre as Estradas do Rio Acima, de Itaquaquecetuba, da Ilha do Bororé, até chegar no Grajaú, contrasta-se a vista natural e rural com a urbana. Minha infância e adolescência com meus amigos na rua também é motivadora do meu encantamento e de minhas expressões visuais: brincadeiras de crianças e adolescentes que crescem na periferia, se apropriando da rua como o próprio quintal e local de aprendizado, dos mais variados tipos, desde os lúdicos, os esportivos, até os poucos saudáveis ou seguros.

Aliás, vale destacar que a década de 1990 no Grajaú foi intensa e ficou na minha memória. Em uma época em que a imprensa só passava por aqui, na grande maioria das vezes, para noticiar coisas ruins, a região do Grajaú e outras vizinhas na Zona Sul de São Paulo eram consideradas as regiões mais violentas do país. Pouco se noticiava suas potencialidades, as histórias de vida e de luta. A imagem do Extremo e das periferias, em geral, foram construídas de forma negativa, sobretudo pela mídia. É fato que muitos casos de violência foram próximos e me abalaram. Logo, é importante olhar para os problemas e injustiças sociais, mas também para as potências das periferias, uma vez que elas são cheias de vida, de cultura, de amor e de resistência protagonizada por seu povo que, mais do que nunca, passa a narrar suas próprias histórias, muitas vezes de forma bem diferente da contada a décadas atrás.

Ainda na década de 1990, sem imaginar que um dia viria a me tornar fotógrafo e comunicador, a fotografia era para mim um hobby e uma prática amadora, uma forma de registrar meus amigos, viagens e, principalmente, meu esporte favorito, o skate. Em busca de uma profissão "estável", aos quatorze anos de idade, ingressei no curso de Mecânica Geral no SENAI (SP) e logo

comecei a trabalhar em uma indústria. Nessa empresa, atuei por aproximadamente 8 anos, adquiri muitas experiências técnicas com a execução de trabalhos mecânicos de precisão, com a leitura de desenhos técnicos e com a operação de máquinas operatrizes: tornos, fresas e furadeiras para usinagem de materiais metálicos. Posso afirmar que, a partir desses trabalhos, despertei um olhar para a importância das técnicas e dos processos de produção, o que, certamente, influenciou, e ainda influencia, nos modos como eu passaria a usar os equipamentos mecânicos fotográficos – primeiramente analógicos e posteriormente digitais – para a produção fotográfica profissional e pessoal.

Por volta dos meus vinte anos de idade decidi mudar de área e me matriculei no curso de Propaganda e Marketing na Universidade Paulista (2001). O anseio por vivenciar outras experiências profissionais com uma rotina distinta da que eu tive por muitos anos na fábrica, funcionou como um trampolim para meu ingresso no campo da comunicação, e, mais especificamente, na fotografia.

No curso, me tornei um frequentador assíduo do estúdio e do laboratório fotográfico e comecei a me dedicar diariamente aos estudos sobre fotografia. Não demorou muito para que eu comprasse uma câmera analógica profissional. Desde então, segui operando máquinas – não mais industriais, mas sim fotográficas – que me possibilitaram ver o mundo de modo diferente e particular. Logo, recebi o convite da jornalista Alyne Azuma para trabalhar como fotógrafo em uma editora dedicada a publicações dos setores de música e de cinema, o que me levou a sair da indústria em meados de 2003.

O novo trabalho como fotógrafo me possibilitou uma brusca mudança de rotina. Passei a viajar e a fotografar atores, atrizes e músicos do cenário artístico nacional e internacional. Nessa fase, me profissionalizei como repórter fotográfico e transformei minha visão de mundo sobre o campo da comunicação e das artes. Vivi intensamente o encantamento com a cultura e com as possibilidades de comunicação que a fotografia me proporcionava. Posso dizer que, nesse período, embora eu ainda não fotografasse o Extremo Sul com uma pretensão autoral, o fotojornalismo e as convivências que ele propiciou alteraram muito rapidamente o meu olhar e o interesse por documentar a região.

Por volta de 2006, quando já havia me formado, o amigo e fotógrafo colombiano Joaquin Sarmiento me convidou para

trabalhar em um projeto de fotografia e educação intitulado “Um Olhar”, realizando oficinas fotográficas na comunidade de Paraisópolis, em São Paulo. Naquele momento, eu atuava como fotógrafo autônomo para as agências de notícias Folha Press, Agência Estado e para outros veículos e empresas de comunicação. Posso dizer que foi nesse período que despertei a consciência sobre a importância da fotografia para a educação, para a expressão pessoal e documentação da periferia. Desde então passei a fotografar com frequência o Extremo Sul.

Intensifiquei minha atuação em atividades relacionadas a fotografia e educação destinadas às juventudes das periferias de São Paulo, utilizando a fotografia em projetos e atividades de formação em instituições culturais, escolas, coletivos e em Organizações Não-Governamentais (ONG’s), sobretudo na Zona Sul de São Paulo, mas também em outras regiões e cidades. Aliás, foi atuando como educador que produzi uma parte das imagens deste fotolivro, durante caminhadas coletivas com jovens visando documentar e discutir juntos a região do Extremo Sul.

Dessa forma, minhas experiências profissionais e pessoais nas últimas décadas, envolvendo meu ofício em fotojornalismo na área de cultura e política; minha documentação fotográfica autoral ligada a região onde eu vivo e a minha família; as minhas vivências nas ruas com outros educadores e movimentos culturais, sobretudo relacionados ao grafite, hip hop e outras expressões artísticas da periferia; além das intervenções fotográficas urbanas que realizo, refletem hoje a minha formação pessoal e artística, mas também em Ciências da Comunicação, onde pesquiso as relações entre fotografia, comunicação e educação. De algum modo, este fotolivro, embora pessoal, talvez sirva para a reflexão e discussão crítica sobre questões culturais, ambientais, periféricas e de identidade.

Não digo identidade “como um conceito essencialista”, mas sim como “um conceito estratégico e posicional”, como diria Stuart Hall (2000), para discutir o (a) fotógrafo (a) ou o (a) artista, bem como os moradores da periferia, como sujeitos em constante processo de identificação e de produção ao longo do tempo. Falo de identidades como pertencimento e identidades coletivas de resistência formadas na convivência do dia a dia, mas também como criação dentro de um contexto sociocultural e periférico, ou seja, como expressão artística – no meu caso visual – sobre o Extremo.

No entanto, este livro não segue uma ordem cronológica das

minhas fases de documentação fotográfica sobre o Extremo Sul. Embora ele represente minhas vivências, amizades e a minha atuação como educador e fotógrafo, além de minhas passagens e assuntos de interesse ao longo tempo, ele ganha uma narrativa mais livre a partir da junção de imagens de meu acervo de diferentes épocas e contextos, o que foi um desafio para a edição devido a diversidade de temas e identidades aqui apresentadas.

A partir de um processo dialógico com a Editora Origem, em especial sob os olhares dos editores Valdemir Cunha e Lígia Fernandes, procuramos traçar ligações entre minhas vivências no território e minhas expressões pessoais, mas também editamos este livro pensando em discussões que possam ser refletidas em outros extremos da cidade e do país, considerando as relações entre os espaços urbanos e rurais, as juventudes, os modos de vida, bem como a cultura como expressão de resistência nas periferias.

Considerando o longo período em que essas fotografias foram produzidas (entre 2006 e 2020), este livro também busca valorizar memórias individuais, coletivas e dos espaços. Destaco as imagens dos moradores, dos artistas locais, das ações protagonizadas por Pontos de Cultura, ONG's, movimentos e coletivos culturais que atuam na região com diversas linguagens (teatro de rua, dança, grafite, rap, samba, cultura popular, esporte, dentre outras, que sempre me acolheram e com os quais aprendi muito, buscando atuar conjuntamente e/ou contribuindo com o meu olhar: Rinha dos Mc's; Imagem; Sertão periferia; Kalunga Grande; Cartografiti; Cultura de Garagem; Jingo, Pagode da 27; Um Olhar; Meninos da Billings; Remada na Quebrada; Programa Jovens Urbanos; Navegando nas Artes; The Monkeys THC; Arterima; Casa Ecoativa; Comunidade Cidadã; CEDECA Interlagos; Centro Cultural Grajaú; SESC Interlagos; dentre outros que não tiveram suas imagens aqui publicadas, mas que tive a oportunidade de fotografá-los e certamente também contribuíram nessa produção.

Também estão presentes neste livro imagens da aldeia Guarani Tenondé Porã, dos(as) agricultores(as) orgânicos(as) e de uma parte de minha família de pescadores artesanais, onde abordo questões como ancestralidade, tradição e sustento ligadas a terra e a água, além de fotografias dos remanescentes de Mata atlântica, sobretudo nas regiões de Parelheiros e Marsilac, considerados "patrimônios

naturais" da cidade, bem como fotos de desmatamentos que remetem à problemática ambiental existente.

Sobre as várias comunidades do extremo sul, parte delas me proponho aqui mostrá-las não apenas sob a ótica de suas paisagens e potencialidades culturais, mas também parte de seus problemas sociais e urbanos, como por exemplo as desapropriações de moradores que residiam a anos na região, o que levanta a questão das ocupações na cidade em áreas de mananciais, mas também denuncia a violação dos direitos humanos, neste caso ligado à moradia.

Embora as fotografias não dêem conta de mostrar o quanto os processos fotográficos, sobretudo educativos, documentais e de intervenção artística coletiva, são transformadores e nos engajam, contribuindo não apenas para pensarmos juntos a visibilidade, a cultura na periferia e outras questões que considero importantes, posso afirmar que essas fotografias representam muito do que aprendi a ver com o outro, conjuntamente com os/as jovens, com educadores/as, artistas, ativistas, militantes e moradores/as do Extremo Sul.

Nesse sentido, considerando o potencial livre e interpretativo das fotografias, optamos por apresentá-las - parte delas - desacompanhadas de legendas, normalmente utilizadas por mim em minhas exposições. No entanto, textos e frases curtas também estarão presentes visando contextualizar algumas das imagens, incluindo nomes de pessoas, de lugares, de coletivos culturais, datas, descrições, dentre outras informações e relatos pessoais relacionados à região e aos meus processos fotográficos.

Apresentamos a partir daqui um recorte do meu acervo fotográfico, consciente de que este fotolivro jamais daria conta de representar a diversidade de identidades, de expressões culturais e comunidades que existem, resistem ou que eu já fotografei no Extremo. Junto com a Editora Origem, apresentamos uma narrativa fotográfica editada e pensada para esta época, infelizmente pandêmica, em que as violações dos direitos humanos e os problemas ambientais seguem ocorrendo.

Seja do lado de cá da Ponte, do lado de cá da Balsa, ou de qualquer outra periferia, as expressões de resistência são muitas e necessárias. Por aqui, entre o urbano e o rural, entre a natureza e o povo, resiliência.

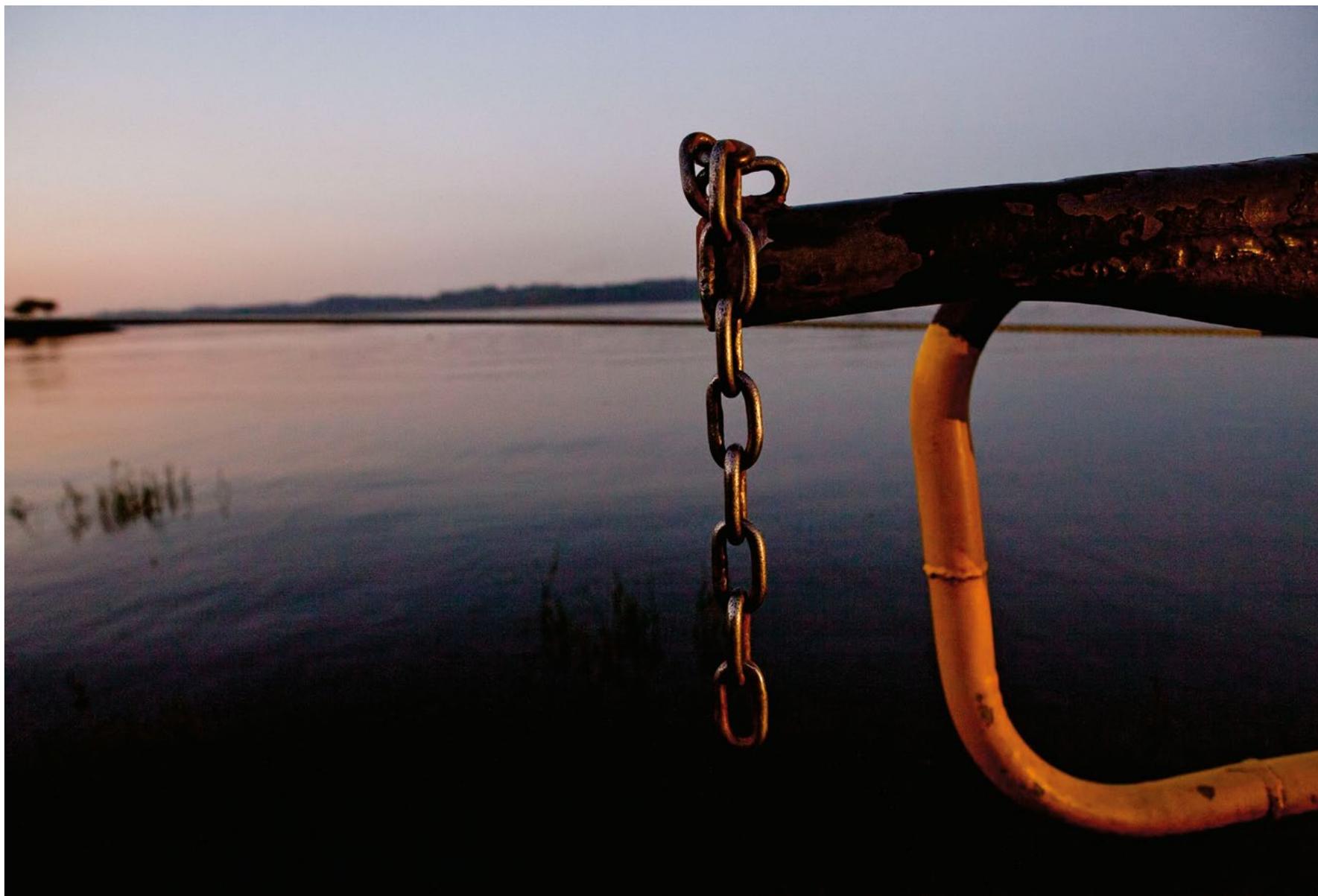
André Bueno é graduado na Universidade Paulista (2004) e sua formação acadêmica se deu na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) com uma Especialização em "Gestão da Comunicação: políticas, educação e cultura" (2012) e Mestrado em Ciências da Comunicação (2020), Área de Concentração: Interfaces Sociais da Comunicação, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Cristina Castilho Costa, onde realizou as pesquisas: "Fotografia e Identidades: expressão pessoal e representação social" (2020); "Cedeca Interlagos: Fotografia e Educomunicação para o Desenvolvimento Humano" (2012), dentre outras relacionadas à fotografia e comunicação.





A tradição da pesca artesanal, uma prática ancestral e profissional que representa a realidade de várias famílias que encontram na Represa Billings sua tradição e sustento diário.

“Eu e meu esposo praticamente criamos nossos filhos dentro do barco. Nós levávamos eles para pescar com a gente. Então todos viraram pescadores: minha filha, meu filho e meus netos. Tem gente que não acredita que eu vivo da pesca, mas minha família está aí para contar a história, inclusive minhas irmãs e irmão são pescadores”
(Yolanda Rodrigues Feliciano, 2015)





Pescadores Ruy Feliciano Hessel e Marcelo Damião Hessel, 2015.

“A vida do pescador aqui na represa é sofrida. Tem muita gente que nem sabe que tem pescador na Billings, mas existem mais de 600 famílias de pescadores que vivem da pesca. Não é só a nossa família, mas muitas outras. Tem a rotina de levantar de madrugada, às vezes passar a noite na água e ir tirar a rede faça chuva ou faça sol. Vemos o sol nascer, mas às vezes vem uma neblina e tampa tudo, ficamos um pouco perdidos na represa porque nosso GPS é nossa cabeça e os ventos (rs). Na margem a natureza e os animais são muito agradáveis, pois vemos onça, capivara, pássaros e outros. Às vezes a garça até nos acompanha, damos um peixe para ela e ela fica ali junto acompanhado a pescaria”
(Benedito A. Bueno Hessel, 2021)





Parque Linear Cantinho do Céu, também conhecido como Lago Azul, ponto de encontro onde são realizadas manifestações culturais e esportivas, como: capoeira, rap, samba, vela, remada, graffiti, teatro, dentre outras ações artísticas, de lazer e educação ambiental.



Intervenção artística produzida pelo projeto Imagem (Mauro Neri - 2007) e barco à vela no Lago Azul (2017), iniciativa do projeto Navegando nas Artes que une vivências náuticas à linguagem do graffiti para sensibilizar sobre a importância da água e mobilizar comunidades da região.













O projeto de graffiti no antigo "Morro da Macumba" – realizado em 2008 no Pq. Residencial Cocaia por Jonato, Everaldo Costa, Ronaldo Costa e Paula Dias – possibilitou encontros com moradores do bairro. As artes nos muros evidenciaram histórias de vida e de luta, destacando o que foi e o que é o Cocaia a partir de relatos transcritos e pintados. Os graffitis e esculturas mostraram muito da história do extremo sul, enfatizando a infância nas comunidades, o rural e o urbano, a mata e suas queimadas, os mutirões para construção de casas, mas também a distância dos bairros periféricos.

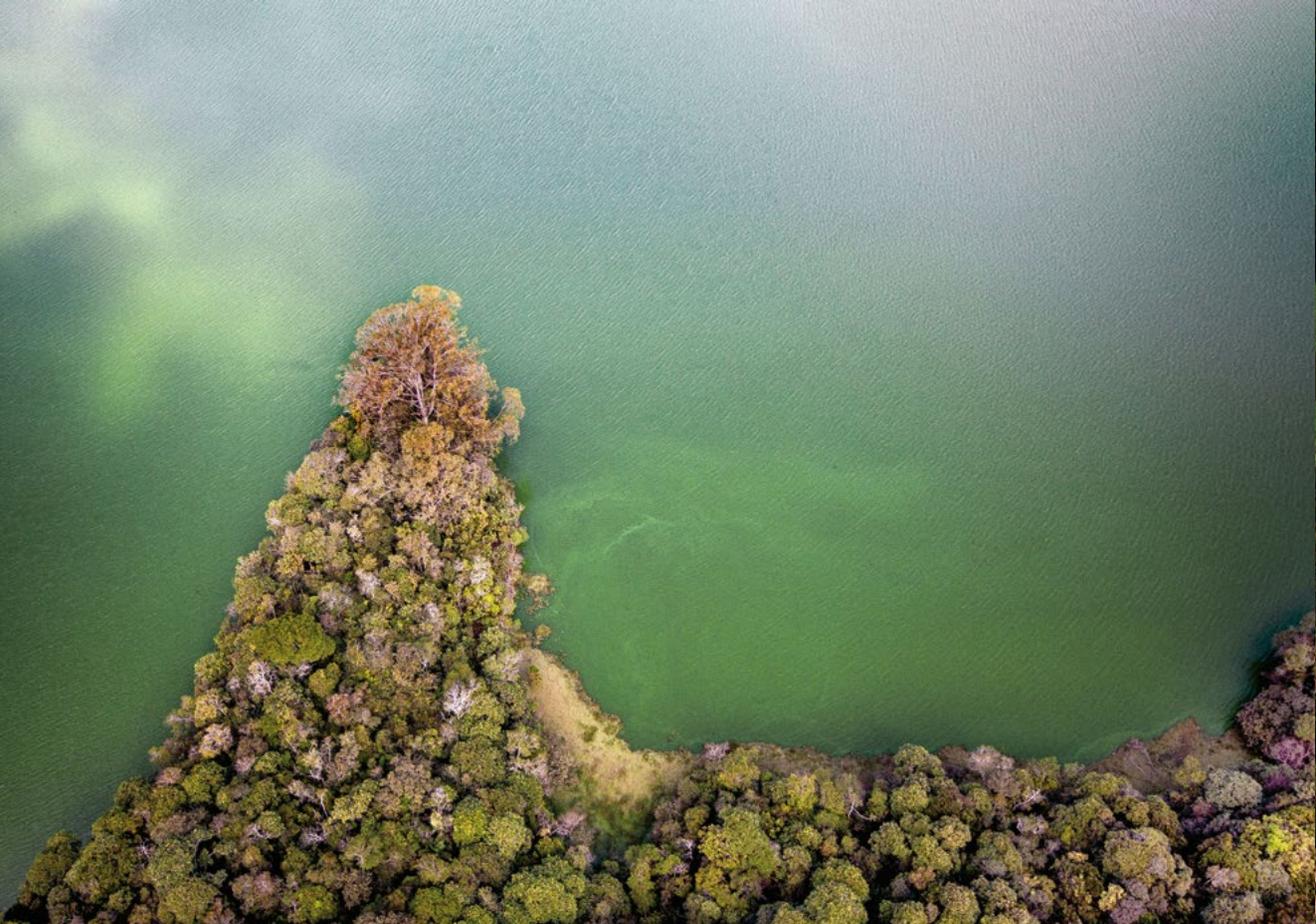




























Integrantes do projeto de teatro “Kalunga Grande: Rios de Sangue, Corpos Negros Jogados ao Mar” (Liliane Rodrigues, Alan Zas, Paulo Henrique Sant’ Anna, Alene Alves, Ariadne Caroline, Ingrid de Oliveira e Fernando Oliveira). Dirigido por Janaína Soares, Kalunga é “fruto da necessidade pulsante de investigar os desdobramentos do caminho histórico entre a senzala e a favela”.

“Meu pulso, meu timbre, meu dom, meu sangue, meu pulso, meu dom, barracos, vielas, favela, favela. Jogados aqui, jogados lá, do centro até às margens, a cidade vai terminando de terminal em terminal. O trem que corta a cidade, rasgando os sonhos da gente, o dinheiro do pão, o dinheiro do leite” (Paulo Henrique Sant’ Anna) Cocaia, 2019.



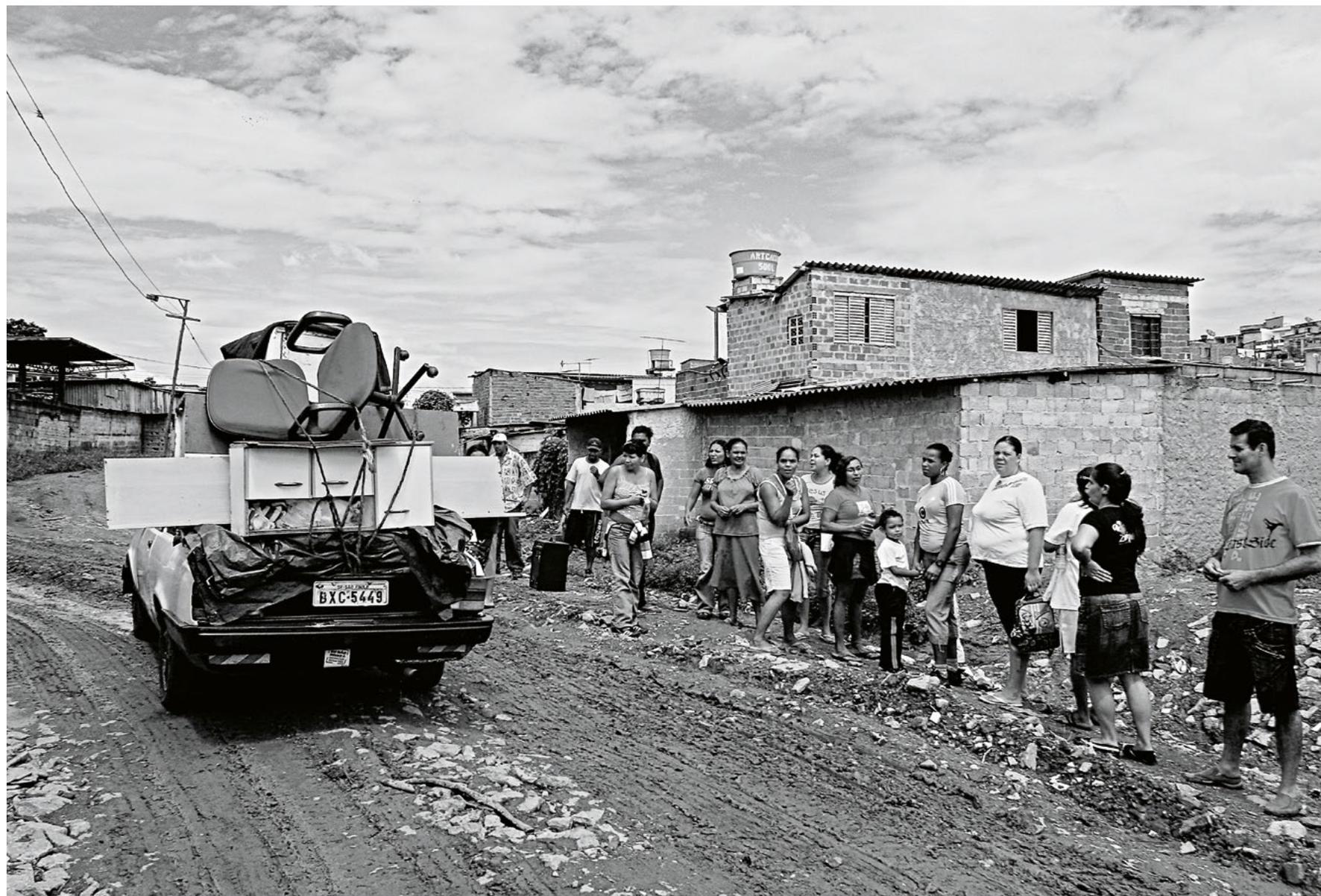






Enquanto uma família faz sua mudança, demais moradores que residem a anos no Pq. Cocaia (2009) se mobilizam em protesto contra desapropriações realizadas pela prefeitura.

Essa situação é recorrente em áreas de preservação de mananciais do extremo sul. Muitos sem alternativa para onde ir acabam mudando para outras áreas "consideradas de risco". Enquanto a população mais pobre segue sendo "empurrada" para os extremos da cidade, casas e sonhos são destruídos, assim como direitos são violados.







Aldeia indígena Guarani Tenondé Porã, também conhecida por aldeia da Barragem (Parelheiros), onde vivem cerca de mil pessoas.

A aldeia conta com diversas estruturas como Escola Estadual Indígena, Posto de Saúde, Centro de Cultura e Educação Indígena (CECI), além de roças e espaços coletivos onde são desenvolvidos projetos de fortalecimento da cultura Guarani. A Terra Indígena Tenondé Porã no extremo sul do município de São Paulo tem um território de aproximadamente 15.969 hectares e nela existem 8 aldeias.

“Não foi hoje e nem ontem, foi lá trás, desde os nossos bisavós que morreram e lutaram deixando esta semente para a gente seguir. Sem terra não há vida e não tem cultura. Para se manter a cultura Guarani que é vivida na prática e não na teoria, precisamos da terra”
(Tiago Karai Tataendy, liderança Indígena, 2013)











"Ó Grajaú!
A comunidade te canta
E encanta
A nossa São Paulo
De um povo que é sofredor
Mas o Pagode da 27
Ameniza a sua dor
Ô ô ô ô
A favela esquece das suas mazelas
Mostrando que apesar de tudo
A vida é bela
Que Deus abençoe este povo de valor
Então firma a batucada
Que a comunidade chegou
Ô ô ô ô"

(Música do primeiro cd do Pagode da 27 "A comunidade chegou"
Compositores: Jefferson Santiago, Ricardo Rabelo, Willian Borges)







ATENÇÃO: POLÍCIA
É OPRESSÃO!!!!







extremo | SUL



Pág. 8
Pescadores, Represa Billings, 2015.



Pág. 10
Pescadora Yolanda Rodrigues Feliciano, Represa Billings, 2015.



Pág. 11
Balsa Ilha do Bororé, Grajaú, 2012.



Pág. 12
Pescador Ruy Feliciano Hessel, Represa Billings, 2015.



Pág. 13
Pescador Marcelo Damião Hessel, Represa Billings, 2015.



Pág. 14
Pescador Marcelo Damião Hessel, Represa Billings, 2015.

As imagens e as legendas a seguir visam identificar as pessoas, coletivos e projetos culturais que fotografei, além de apontar os locais onde se deram as documentações fotográficas. Parte das fotografias estão identificadas por nome dos bairros e, também do distrito (Grajaú, Parelheiros e Marsilac) onde está localizado. Olhar para o "mosaico" a seguir, com sua disposição das imagens lado a lado e seus curtos textos, pode e deve ser explorado também como uma outra possibilidade de leitura da narrativa que aqui propomos. Pode ser encarado como uma espécie de "folha de contato" (análogo ao negativo fotográfico) que possibilita imaginar e experimentar um novo olhar sobre o todo deste fotolivro, sobre as paisagens, comunidades e culturas do Extremo Sul.

Um salve a todos e todas que somaram nesta produção e que seguem juntos nos extremos.



Pág. 15
Elefante na margem, Represa Billings, 2012.



Pág. 16
Parque Linear Cantinho do Céu, também conhecido como Lago Azul, 2015.



Pág. 17
Parque Linear Cantinho do Céu, 2012.



Pág. 24
Marco Lunar, Casa Ecoativa, Ilha do Bororé, 2016.



Pág. 25
Manejo de horta agroecológica durante PermaPerifa na Casa Ecoativa, Ilha do Bororé, 2016.



Pág. 25
Jaison Pongiluppi Lara, permacultor, educador e articulador cultural, Sítio Paiquerê, Ilha do Bororé, 2016.



Pág. 18
Barco à vela com graffiti de Mauro Neri, projeto Navegando nas Artes, 2017.



Pág. 19
Intervenção artística do projeto Imargem - graffiti de Mauro Neri - Represa Billings, Grajaú, 2007.



Pág. 20
Balsa da Ilha do Bororé, Grajaú, 2009.



Pág. 26
Embu Guaçu, 2016.



Pág. 27
Antiga Estrada do Jaceguai, Parelheiros, 2016.



Pág. 28
Antigo "Morro da Macumba", projeto de graffiti realizado no Pq. Residencial Cocaia por Jonato, Everaldo Costa, Ronaldo Costa e Paula Dias, 2008.



Pág. 21
Balsa da Ilha do Bororé, Grajaú, 2013



Pág. 22
Pés, evento PermaPerifa na Casa Ecoativa, Ilha do Bororé, 2016.



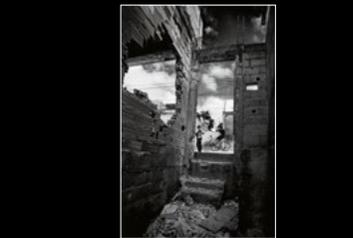
Pág. 24
Valéria Maria Macoratti, agricultora orgânica, permacultora e educadora, Parelheiros, 2014.



Pág. 30
"Morro da Macumba", projeto de graffiti realizado no Pq. Residencial Cocaia por Jonato, Everaldo Costa, Ronaldo Costa e Paula Dias, 2008.



Pág. 31
"Morro da Macumba", projeto de graffiti realizado no Pq. Residencial Cocaia por Jonato, Everaldo Costa, Ronaldo Costa e Paula Dias, 2008.



Pág. 32
Desapropriação no Jd. Toca, Grajaú, 2009.



Pág. 33
Graffiti do artista Enivo em casas desapropriadas no Jd. Satélite, 2006.



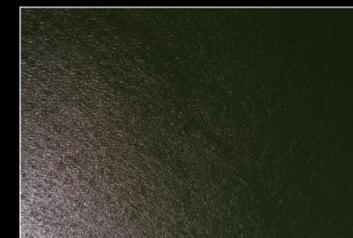
Pág. 34
Grupo de Rap Arterima (Rafael Moneis, Tigone, Nego Jonas e Felipe Ganjah), Cocaia, 2013.



Pág. 34
Dançarino Kennedy Gomes ministra oficina de breakdance no Projeto Cultura de Garagem, Vargem Grande, Parelheiros, 2014.



Pág. 40
Mata Atlântica nas margens da Represa Billings, Parelheiros, 2016.



Pág. 41
Represa Billings, 2016.



Pág. 41
Casas da Margem, vista aérea do bairro Jd. Gaivotas, 2016.



Pág. 35
Grupo de Rap The Monkey's THC (FlowBelo, Kr o nove, Meg Pedrozzo, Pikiblade, Dj Wagnão, Leandro Duarte e Weverton Marques), 2016.



Pág. 35
Grupo de Rap Arterima (Nego Jonas, Rafael Moneis e Felipe Ganjah), Jd. Gaivotas, 2013.



Pág. 36
A bota de Fábio Vareta. Encontro Niggaz de Graffiti, Grajaú, 2013.



Pág. 42
Meninos e aguapés, 2010.



Pág. 44
Queimada, Marsilac, 2016.



Pág. 45
Desmatamento em Área de Proteção Ambiental Bororé-Colônia, Parelheiros, 2016



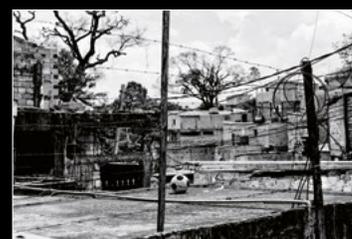
Pág. 37
Graffitis de Felipe Risada e Wellington Neri (Tim) no Cantinho do Céu, Grajaú, 2015.



Pág. 38
Vista para a Represa Billings e distrito do Grajaú, 2016.



Pág. 40
O escafandrista, performance artística de Caio Cartenum, "Lago Azul", 2015.



Pág. 46
Jd. Gaivotas, Grajaú, 2012.



Pág. 48
Bairro Jd. Gaivotas, Grajaú, 2012.



Pág. 49
Jd. Prainha, Grajaú, 2011.



Pág. 50
Jovem na laje soltando pipa visto da Rua 8, Pq. América, Grajaú, 2010.



Pág. 52
Projeto "Tambor: Ecoa Grajaú /Jingoma" (Luana Barbosa e Paula Jalu) com o grupo Arrastão do Beco, Cocaia, 2013.



Pág. 52
Projeto Sertãooperifa e banda de forró Vila do Sossego, Recanto Campo Belo, Parelheiros, 2019.



Pág. 60
Carrinho de rolimã, Jd. Castro Alves, Grajaú, 2009.



Pág. 61
Pipa, Jd. Prainha, Grajaú, 2011.



Pág. 62
Desapropriação em área de preservação de mananciais no Pq. Cocaia, 2009.



Pág. 53
Projeto "Tambor: Ecoa Grajaú /Jingoma" (Luana Barbosa e Paula Jalu) com Maracatu, Cocaia, 2013.



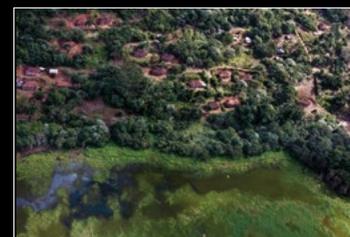
Pág. 53
Primeiro desfile de carnaval de rua do Bloco das Amoxtradas, Parelheiros, 2020.



Pág. 54
Campinho das Torres, Chácara Gaivotas, Grajaú, 2009.



Pág. 63
Moradores do Pq. Cocaia realizam protesto contra desapropriações realizadas pela prefeitura em áreas de mananciais, 2009.



Pág. 64
Vista aérea da Aldeia indígena Guarani Tenondé Porã, Parelheiros, 2016.



Pág. 66
Crianças na aldeia Guarani Tenondé Porã, 2009.



Pág. 56
Integrantes do projeto de teatro "Kalunga Grande: Rios de Sangue, Corpos Negros Jogados ao Mar", Cocaia, 2019.



Pág. 57
Liliane Rodrigues, integrante do projeto de teatro "Kalunga Grande: Rios de Sangue, Corpos Negros Jogados ao Mar", Cocaia, 2019.



Pág. 58
Jd. Gaivotas, Grajaú, 2012.



Pág. 67
Crianças na aldeia Guarani Tenondé Porã, 2009.



Pág. 68
Mata Atlântica e Represa Billings com vista aérea para o município de São Bernardo do Campo, 2016.



Pág. 70
Casinha Amarela, Intervenção artística realizada pelo projeto Imagem - Mauro Neri, Grajaú, 2012.



Pág. 71
Mata do Parque Natural do Itaim vista do Centro Paulus, Parelheiros, 2013.



Pág. 72
Parque Linear Cantinho do Céu (Lago Azul), 2015.



Pág. 74
Pagode da 27, Grajaú, 2010.



Pág. 80
Dj Dan Dan e Criolo, Rinha dos Mc's, Cid. Dutra, 2006.



Pág. 81
Meg Pedrozzo, cantora, compositora e vocalista do grupo The Monkey's THC, 2016.



Pág. 82
Carros em Marsilac, 2014.



Pág. 75
Pagode da 27, Grajaú, 2010.



Pág. 76
Yob, Rinha dos Mc's, Cid. Dutra, 2006.



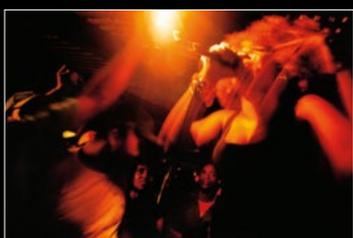
Pág. 76
Rinha dos Mc's, Cid. Dutra, 2006.



Pág. 83
Viela, Jd. Castro Alves, Grajaú, 2010.



Pág. 84
Recanto Campo Belo, Parelheiros, 2012.



Pág. 77
Cindy, Rinha dos Mc's, Cid. Dutra, 2006.



Pág. 77
Emicida, Rinha dos Mc's, Cid. Dutra, 2006.



Pág. 78
Show Criolo, Centro Cultural Grajaú, 2016.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bueno, André

Extremo sul / André Bueno. -- São Paulo : Editora Origem, 2021.

ISBN 978-65-89233-24-4

1. Arte de rua - São Paulo (SP) 2. Cultura 3. Fotografias 4. Periferias urbanas I. Título.

21-88610

CDD-779.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografias 779.9

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

EDITOR Valdemir Cunha

FOTOS André Bueno

TEXTO André Bueno

EDIÇÃO DE FOTOS André Bueno e Valdemir Cunha

EDITORA EXECUTIVA Lígia Fernandes

DIREÇÃO DE ARTE Valdemir Cunha

PRODUÇÃO GRÁFICA Editora Origem

TRATAMENTO DE IMAGENS Ipsis Gráfica

IMPRESSÃO Ipsis Gráfica

COMUNICAÇÃO Fernando Bertholdo

LOJA VIRTUAL editoraorigem.com.br

CONTRACAPA Jonato, Everaldo Costa, Ronaldo Costa e Paula
Dias (Graffiti no Morro da Macumba)

CAPA Eurobulk 150 g

MIOLO Eurobulk 150 g

FONTE Minion Pro



Copyright, 2021
Fotografias: André Bueno

Av. Marcos P. U. Rodrigues, 4446, ap 104 bl 1
Tamboré - Santana de Parnaíba/SP, CEP: 06543--001
www.editoraorigem.com.br